

Possibilidades tecnológicas e a pirataria corporal: reflexão com base empírica sobre as experiências de exploração do corpo.

Bárbara Nascimento Duarte*

Resumo

O foco de investigação nesse trabalho é o movimento definido como *Body Hactivism*. Sua ambição é unir pirataria, modificação corporal e ativismo. O *Body hacking* (ou piratagem do corpo) pode ser definido como uma corrente cujos adeptos são encontrados em diferentes lugares na Europa e nos Estados Unidos, estando conectados através de uma rede. Seu objetivo é desenvolver empiricamente a fusão homem-máquina. A abordagem experimental e voluntária do *Body Hactivism* tem por extensão a criação de dispositivos técnicos suplementares ao corpo visando a ampliação de suas possibilidades físicas. As entrevistas apresentadas parcialmente nesse artigo resultam de uma pesquisa etnográfica com *body hactivists* norte-americanos e europeus. Através dos discursos selecionados sobre o *Body Hactivism* e a relação corpo e a técnica, este artigo vai tentar lançar luz sobre o modo como os *body hactivists* geram a complexidade de suas práticas associadas à transformação das fronteiras corporais. Diversas questões podem ser levantadas a respeito da adequação de várias encenações do corpo nas falas desses atores. Partimos do pressuposto de que “natureza/corpo” e “cultura/técnica” não são dois domínios completamente distintos; por conseguinte, esta pesquisa é construída através da incorporação das fronteiras ontológicas definidas entre esses conceitos.

Palavras-chave: Body Hactivism, Corpo, Modificação, Implantes, Tecnologia, Cultura, Natureza.

Possibilidades tecnológicas e a pirataria corporal: reflexão com base empírica sobre as experiências de exploração do corpo.

Abstract

The investigation focus in this paper is the movement defined as *Body Hactivism*. Their ambition is to unite hacking, body modification and activism. The *Body Hactivism* (or body hacking) is a current whose enthusiasts are found in different places in Europe and the Americas, and are connected through a network. Their goal is to develop empirically and advance man-machine immersion. The voluntary and experimental approach of the *Body Hactivism* has as extension the creation of new devices that can be added and interacted with the body. The interviews presented partially alongside this paper are the fruits of ethnographic research with *body hactivists* from the United States and Europe. In their speech about *Body Hactivism* and the body this paper will try to shed light on the way they manage the complexity of their speech associated with body transformation and its social borders. Diverse questions can be raised regarding the appropriateness of various body enactments in the actors' speeches. Starting from the assumption that “nature/body” and “culture/technique” are not two completely distinct domains, this research is built by incorporating the issues of the ontological border set between these concepts.

Keywords: Body Hactivism, Modification, Implants, Technology, Culture, Nature.

Lukas Zpira sonhava com um implante que fosse capaz de modificar sua “interface de recepção” - sua pele - percebida como meio de conexão com o mundo. Ele gostaria de ter um dispositivo que fosse ao mesmo tempo recreacional e funcional, e que pudesse usá-lo em qualquer momento sem a necessidade de carregá-lo dentro do bolso. Melhor do que levá-lo com ele, seria

* Mestre em Ciências Sociais. Doutoranda em Ciências Sociais. Universidade Federal de Juiz de Fora-Brasil. Universidade de Strasbourg-França. E-mail: duarte.n.barbara@gmail.com

mais tê-lo dentro dele. Mas seria realmente possível ter um dispositivo eletrônico de áudio, por exemplo, dentro do corpo, e que pudesse interagir com o ambiente? Muitos pensariam que se trata simplesmente de mais um conto de ficção-científica. Zpira, contudo, deu um passo além em direção à concretização de um projeto que mais se parece imaginação. Ele iniciou o desenvolvimento de um receptáculo que tem por objetivo confinar componentes eletrônicos, tal como um ipod. Nessa ilustração nos referimos ao projeto M.A.T.S.I, do inglês Multi Application Titanium Skin Interface. Trata-se do desenvolvimento de uma placa de titânio circular de duas polegadas que foi concebida para substituir parte da pele. Poderíamos falar na criação de uma pele de titânio. Se o projeto for bem sucedido, Zpira será o primeiro a ter uma pele de titânio que serve de suporte a inúmeros componentes. Quanto à operacionalização do projeto, seria semelhante a um implante transdermal em sentido inverso, criando um orifício que penetra na pele ao invés de ser visível. Oriundo da cultura pop, ele se encanta com a idéia de ter um ipod em seu antebraço e ser capaz de ouvir suas músicas a partir de algo que está em seu interior.

A ilustração inicial é representante de um fenômeno mais amplo e está associado, em partes, ao movimento definido como *Body Hacktivism*, criado no ano de 2000 por Lukas Zpira, artista e modificador corporal francês muito popular no contexto da modificação corporal extrema. Os entusiastas dessa corrente são definidos como *body hacktivists* ou *body hackers*. Eles têm por objetivo trabalhar empiricamente e *conceptualmente* em torno da possibilidade de um corpo modificado pela tecnologia. Lukas Zpira introduziu o *Body Hacktivism* como uma filosofia que engloba artistas independentes, pesquisadores e pensadores que trabalham com o tema da modificação corporal com base tecnológica, prospectiva e funcional. A fonte de inspiração do fundador desse movimento são as histórias em quadrinhos, os mangás, os filmes de ficção científica e literatura análoga.

Para ganharmos um sentido de ordem, vamos começar pela definição de certos termos, ao invés de tomá-los como dados. Iniciaremos pela expressão *hacking*. Na cibernética este termo se refere a uma pessoa, *hacker*, que deseja dominar as

ferramentas da informática bem como seu sistema operacional. O *hacker* faz uso de ferramentas tecnológicas e também adapta suas operações após uma pesquisa extensa. Uma vez que ele descobre o funcionamento dessas ferramentas, o *hacker* não hesita em fazer modificações de acordo com a necessidade ou interesse. O comportamento dos *hackers* é transponível conceitualmente ao corpo humano, neste caso Fiévet¹ define como *body hacking* ou “pirataria do corpo”. Fiévet afirma que o *body hacking* consiste em uma iniciativa voluntária realizada por indivíduos que estão dispostos a alterar o próprio corpo conectando a ele componentes artificiais assim como dispositivos tecnológicos suplementares. Os *body hackers* tentam transformar o comportamento natural através do desenvolvimento de novos sentidos e obter novas experiências corporais. Eles consideram o corpo um material flexível no qual podem atuar: uma entidade transformável e aperfeiçoável. Fiévet caracteriza o *body hacking* como uma tendência híbrida situada entre *hacking* previamente definido e o *bio-hacking*². Um fato particularmente importante é que esta tendência de exploração corporal é também representativa nas abordagens artísticas e corporais extremas. É aqui onde situamos nosso foco, o movimento *Body Hacktivism*. A piratagem do corpo já foi realizada há muito tempo pelos entusiastas mais consagrados da modificação corporal extrema, entre eles Lukas Zpira, que afirma ter sido o primeiro modificador e artista corporal a ter um microchip RFID³ implantado sob a pele.

Vamos adiante para a próxima definição: *hacktivism*. Este termo se popularizou após ter sido usado publicamente pela primeira vez em 1996 por Omega, membro do grupo de *hackers* chamado *Cult of the Dead Cow* (CDC). Omega utilizou esta expressão para descrever a pirataria com propósito político. Atualmente *hacktivism* é comumente usado para definir a união entre ativismo político e *hackers* da informática. E o movimento *Body Hacktivism*, de acordo com Lukas, toma emprestado as mesmas tendências e preocupações ativistas. Este elemento se articula nas linhas compõem o *Body Hacktivism*: a manifesto. Através de um olhar crítico lançado quanto à generalização da tecnologia e sua utilização indevida, eles sugerem que esta poderia ser empregada contra os interesses individuais.

Paradoxalmente, os *body hacktivists* são usuários da tecnologia em função de seu próprio deleite. O *Body Hacktivism* nos leva a interrogar atos de imaginação. A visão da fusão do homem com a máquina abunda no imaginário social popular por meio dos filmes e literatura de ficção científica. Não obstante, esse imaginário é alimentado pelas pesquisas científicas ligadas à robótica, biomecânica, biotecnologia, entre outros, cujo pleno desenvolvimento nos permite contemplar as possibilidades de constituição corporal. Os *body hacktivists* emanam de horizontes muito diferentes, mas todos são atraídos pela possibilidade do aumento das capacidades corporais e compartilham outros pontos em comum. Em geral, eles são bem informados sobre a evolução científica e técnica, possuem um gosto pronunciado pela tecnologia, são atraídos pelo risco, reivindicam uma liberdade total em relação ao que se refere a sua pessoa e ao seu corpo, e sobretudo, se recusam a ver o corpo como uma entidade “sagrada” que por consequência seria proibida de ser modificada.

COMO FAZER UMA REFLEXÃO APROPRIADA SOBRE O CORPO?

Ao longo dos últimos trinta anos houve um grande esforço de reflexão sobre a articulação de práticas sociais e a antropologia simbólica, cujo objetivo consistia em examinar a fronteira ontológica baseada na oposição entre natureza e cultura. O antropólogo e etnólogo francês, Philippe Descola⁴, apontou o caminho para a libertação das dicotomias ocidentais baseadas nessa distinção clássica que teria dado origem às outras separações. Descola expõe diversas ontologias e seus relacionamentos, tomando como referência as principais teorias antropológicas sobre as relações heterogêneas entre humanos e não-humanos. Depois de sua experiência etnográfica na Amazônia com índios chamado Jivaros (que, no entanto, costumavam se definir como Achuar) ele começou a levantar questões sobre o que parecia ir além das diferenças entre os seres humanos e não-humanos, e o que pertencia ao domínio da natureza e ao da cultura. Esta divisão, que parece tão natural na nossa percepção “moderna” é ignorada não só entre os Achuar, como também em outros lugares, por exemplo, os aborígenes da Oceania. Por natural entendemos

aquilo que é produzido independentemente da vontade e ação humana, que existia antes da humanidade e continuará a existir após. Por outro lado, por cultural evidenciamos aquilo que é produzido pela nossa atuação, tais como objetos, idéias e instituições. E por mais de um século a antropologia cultural e social tem sido definida como a ciência da mediação natureza-cultura. Todavia, esse dualismo com o qual temos nos associado desde o último terço do século XIX teve lugar na Europa. Foi saldo da organização epistemológica que produziu distinções simultâneas de diferentes ordens e as diversas formas de aprender sobre os fenômenos.

Uma vasta gama de estudiosos reconhece que a divisão entre o que é amplamente percebido como natural e cultural além de ser construído é em grande parte arbitrário. Assim sendo, a experiência humana deve ser entendida como o resultado de dois campos distintos e regida por princípios díspares, porém coexistentes. Esta mudança teórica afeta diretamente a concepção tradicional do ser humano, seus componentes, sua identidade individual e coletiva. Esse dualismo também gerou consequências concretas na forma como a antropologia é praticada, nomeadamente: 1) na caracterização de seu objeto, 2) na definição de seus métodos e, finalmente, 3) nos princípios produzidos. Tendo essas considerações em vista, quando usamos as palavras “corpo” e “técnica” colocamos em operação uma variedade de significados a priori. Entre eles a de que o corpo pertence à natureza, enquanto a técnica refere-se à cultura. Isto quer dizer que apesar da diversidade cultural o corpo é geralmente visto como um material natural por causa de sua universalidade pré-concebida. Nós concordamos em negar a pureza desses pólos. Fazemos uso das palavras anteriores por não encontrarmos termos mais apropriados, no entanto ambos os termos não carregam essa exaustiva dicotomia nem seus significados para o movimento do *Body Hacktivism*. Pelo menos essa é nossa hipótese.

Ao refletirmos sobre o corpo entendemos que este produz uma trajetória dinâmica na qual aprende a registrar várias entidades e torna-se mais sensível as características do mundo. É através do corpo que adquirimos conhecimento na medida em que este é afetado por diferentes estímulos e sensações. Uma conceitualização

fixa do corpo é desnecessária, tendo em vista que o corpo não é algo com o qual partimos, mas algo que adquirimos ao longo de nossa existência. Para compreender como obtemos um corpo, conjecturamos em termos de “aprender a ser afetado”. Nas ilustrações que mostraremos ao longo desse artigo, veremos que aquilo que permite adquirir um corpo são as próteses, os implantes, os dispositivos eletrônicos, as modificações corporais. Estes não fazem parte da definição geral do corpo, mas se tornam uma de suas partes na medida em que aprende a ser afetado⁵. Isto significa que o corpo está sempre envolvido em um aprendizado e desenvolve a sua sensibilidade por meio de sua relação com o mundo e os elementos que o constitui. Assim sendo é compreensível que o corpo se torne cada vez mais descritível quando aprende a ser afetado pelas diferenças, logo, quanto mais diversidade, mais complexidades, mais rica será a definição de um corpo.

TRABALHO DE CAMPO: DANDO VOZ AOS ATORES

Este é um estudo empírico. As histórias que vamos apresentar fazem parte de um trabalho de campo etnográfico mais amplo situado em diversos lugares, tais como lojas de tatuagem e piercing, hotéis, eventos e seminários de modificação corporal, que ocorreram em vários países Europeus e nos Estados Unidos. Através da observação de alguns casos particulares e tentativas individuais que serão mencionadas aqui, desejamos transparecer que estes fazem parte de uma mesma tendência, a piratagem do corpo humano. O objetivo desses atores é tentar ampliar as possibilidades corporais por eles mesmos, tendo em consideração as possibilidades tecnológicas. Além disso, através dessas práticas muitos alegam vivenciar uma metamorfose pessoal. É importante ressaltar o valor da experiência nessas ilustrações. Por meio dessas iniciativas práticas esses indivíduos adquirem conhecimento, conhecem sensações específicas e adquirem conhecimento de forma sensível.

Este trabalho de campo começou em novembro de 2011, quando David Le Bretonnos apresentou ao líder do *Body Hactivism*, Lukas Zpira. Por termos sido respaldados por Le Breton, este plano de pesquisa particular resultou num

interesse da parte de Zpira. Ele viaja regularmente em todo o mundo para realizar modificações e performances corporais. No dia 17 de novembro nos encontramos no TOTEM⁶, Nancy, França. Este é um espaço dedicado à criação artística, espetáculos e festivais relacionados ao *body art*, música alternativa, dança e teatro. Durante nossa conversa ele expressou sua satisfação com a pesquisa, afirmando que esta vinha ao encontro de uma necessidade: uma melhor definição do que consiste o *Body Hactivism*. Ele contou que muitos artistas corporais não estão cientes do que ele deseja dizer através de seus escritos, e por isso falta uma compreensão adequada de seus objetivos e da diferenciação do que ele faz em relação a outros movimentos corporais, sobretudo os do *body art*.

A história que Lukas Zpira conta sobre modificação corporal começou muito antes de criar o *Body Hactivism*. Sua *démarche* se iniciou devido a seu desejo de trabalhar artisticamente em seu próprio corpo, passando, posteriormente a atender uma clientela interessada em suas modificações. Ele se refere a diversos trabalhos, tais como tatuagem, escarificação e suspensão. Depois de algum tempo ele começou a se questionar sobre o que desejava expressar por meio do seu trabalho. Isso o levou a se questionar em qual categoria poderia ser efetivamente inserido. Não por escolha, mas devido às performances corporais realizadas por ele, acabou sendo indiretamente inserido no movimento do *body art*. No entanto, ele diz que seu trabalho tinha outra perspectiva, ele se situava numa visão prospectiva:

Eu comecei a levantar algumas questões sobre o trabalho que estava fazendo. O que eu quero dizer com o que eu faço? E enquanto eu estava refletindo sobre isso, eu tive a idéia de criar um manifesto. Eu já tinha usado o termo *body hacking* antes, porque para mim isto é uma evidência sobre o corpo, o corpo como máquina, um computador, assim, por isso a idéia de agir e trabalhar com os limites. Alargar os limites de qualquer coisa. Então este termo veio rapidamente⁷.

Zpira tenta articular algumas distinções entre as pessoas que modificam seus corpos. Para isso ele diferencia entre o que ele faz em termos de transformação corporal e o que outros movimentos fazem. A questão inerente que ele

ênfatisa concerne à reflexividade sobre o corpo, isto é, evolução física, o conceito de humanidade, o desejo de pertencer a grupos específicos, busca da estética ou expressão política. Para ele a questão-chave do *Body Hactivism* é o desejo de transformar o corpo permeado da noção de pirataria e ativismo. A dimensão ativista diz respeito à exploração das possibilidades tecnológicas cujas mudanças podem afetar a esfera social e inclusive interferir na evolução humana. As transformações que o corpo pode sofrer estão associadas ao discurso socialmente legitimado da tecnociência e da biotecnologia. Devido às amplas possibilidades de transformação que irão interferir no futuro da humanidade, o papel desempenhado pelo *Body Hactivism* é demonstrar como “proteger o corpo, ou como proceder para ter o direito de se fazer o que quiser com nossos próprios corpos. Assim, podemos desfrutar do livre arbítrio e sermos capazes de escolher, ter o controle e decidir por nós mesmos nossa evolução.”

Lukas Zpira também enfatiza a categoria relacionada com a natureza, colocando de outra forma a pretendida “pureza” dicotômica moderna, “O corpo não é à imagem de Deus como nos primeiros dias, ela não existe em seu estado puro. Temos manipulado e substituído tudo, por isso o corpo segundo a imagem de Deus não existe mais”. Para Lukas Zpira a tecnologia se apropria da natureza, abrindo a possibilidade de trabalhar com o corpo, manipulando, substituindo os elementos necessários para a nossa adaptação e evolução, portanto o corpo não existe num “estado puro”, como Zpira enfatizou. Turner⁸ assinala que a tecnologia e seus artefatos foram cruciais para fornecer a sociedade ocidental algum controle ou domínio sobre a natureza, incluindo o controle do corpo humano, mas muitas vezes ainda se pensa que isto é uma forma de arrogância contra os deuses e ameaça à vida humana. Se persistirmos na divisão dicotômica e considerar o corpo como parte da natureza, percebemos que as mudanças tecnológicas envolvem o controle sobre a definição do “natural”, logo, sobre o corpo. Enquanto para Turner a cultura poderia alimentar a natureza, por exemplo, através do cultivo moral, a tecnologia poderia também ameaçar destruí-la. Através da modificação ou substituição de partes naturais do corpo supomos que o parece mais

presumível é a hibridização e não a supremacia de um dos pólos.

A propósito da relação entre as modificações corporais, o Body Hactivism e a tecnologia, Lukas Zpira acrescenta que “no Body Hactivism é necessário ter essa noção de ‘prospectiva’, essa noção relacionada à tecnologia.” Ele acredita que mudar o corpo possui um significado poderoso, pois possibilita a conexão com o interior do indivíduo, conseqüentemente ocasionando uma metamorfose pessoal. Em referência aos dispositivos tecnológicos atuais, ele insiste que estes são rapidamente substituídos por novos, portanto é necessário considerar a evolução tecnológica de modo a criar dispositivos suplementares facilmente alteráveis. Há alguns anos ele trabalha no projeto mencionado na introdução desse artigo, o M.A.T.S.I. Sobre o assunto ele expõe:

Nesta nova interface eu vou colocar o meu Ipod. Esta interface é apenas uma placa de titânio e você pode substituir esta interface. Neste sentido, eu gostaria de colocar meu Ipod, mas na ficção científica a ideia é de que seria possível inserir qualquer outro dispositivo tecnológico pretendido. No caso de se tornar obsoleto você pode jogá-lo fora, ou se você quiser você pode tirá-lo para recarregar. E sua função é a função que você desejar. Para mim, com o exemplo do Ipod, é porque é algo divertido. Eu não quero nada estético, eu quero algo realmente recreativo.

Vale a pena chamar a atenção para um ponto. Ele afirma que ter uma tecnologia implantada em seu corpo ou tê-la fora “não faz muita diferença”. Para ele, a demarcação do problema situa-se em uma “questão moral”. Ele argumenta: “Não há muita diferença entre as pessoas que já estão ligadas a tecnologia ou ter algo dentro delas. A conexão já está lá, essas coisas já estão integradas na minha vida, nesse sentido, não há muita diferença, é uma questão moral.” Há muitas controvérsias nessa afirmação. Apenas para elucidar, quando ele afirma que se trata “somente” de uma questão moral, os problemas associados às fronteiras corporais e posse do corpo surgem. A tensão entre o corpo-objeto e corpo-sujeito reaparece. Os avanços na biotecnologia e da tecnociência têm complicado a questão da posse do corpo humano, produzindo uma extraordinária variedade de possibilidades para

este⁹. A reflexão filosófica sobre a responsabilidade moral tem uma longa história. Este tópico está ligado a concepções amplamente compartilhadas sobre indivíduos como “pessoas” e agentes moralmente responsáveis. Isto implica que além de serem responsáveis por suas ações, o indivíduo é constituído como objetos de atribuição de responsabilidade. Outra problemática que surge se situa no campo jurídico. Na França, só para citar, a Lei garante o direito a integridade física, incluindo o dever de respeitar o próprio corpo. Isto é, apesar do corpo pertencer ao indivíduo a Lei não permite que este atente contra o próprio corpo, ainda que seja de livre vontade. Por isso, diante de tantas possibilidades de exploração corporal, o direito ao corpo e a sua sã preservação se torna um debate moral, ético e Legal.

Ainda que o princípio do *Body Hactivism* espante num primeiro momento, esse movimento destaca uma problemática central relacionada à tecnologia e aos indivíduos. Interagir com dispositivos tecnológicos faz parte do cotidiano da Geração Y, caracterizada pela facilidade que possuem em se relacionar com o computador portátil, vídeo game, internet e o smartphone. É uma geração desinibida diante da técnica e cada um reivindica sinais de distinção; para estes a inserção de dispositivos tecnológicos não parece uma ideia absurda, mas no mínimo funcional. Concretamente, como veremos um pouco mais adiante, a *démarche* do *Body Hactivism* demonstra como os indivíduos são capazes de apropriar-se de seu corpo, modificando tanto seus aspectos sensoriais bem como funcionais.

O BODY HACKTIVIST URD

Outro *body hacktivist* é Sebastien, conhecido por Urd. Encontramos-nos pela primeira vez em Paris, na França. Ele é modificador corporal e proprietário da loja de tatuagem *Body-revolution*, localizado em Chelles, Île-de-France. Em 1996 Urd conheceu Zpira, que naquela época trabalhava na produção do manifesto sobre o *Body Hactivism*. Zpira forneceu outra dimensão quanto às possibilidades de desenvolvimento das modificações corporais. Após compreender em que consistia o *Body Hactivism* ele se proclamou um *body hacktivist*. Segundo ele, o *body hacktivist* é o profissional da modificação corporal responsável por modificar outras pessoas.

Divergindo da versão de Zpira, o *body hacktivism* não deve ser exclusivamente vinculado ao uso da tecnologia como um fim em si, mas o foco deve estar numa relação com o que ele chama de tecnologia funcional. Esta articulação é orientada em direção a um homem ou corpo melhorado (*enhanced body*) em suas possibilidades:

Com o *body hacking* estamos tentando melhorar o corpo até que este nos ajuda diariamente. Nós olhamos para os implantes que podem ser extremamente funcionais, úteis na vida diária. Por outro lado, não estamos no domínio da biotecnologia, no entanto, é o avanço da biotecnologia que nos permite fazer este tipo de coisas, com certeza!

O corpo melhorado permitiria o indivíduo ir além do limite corporal atual, bem como do limite da mente. Se definirmos a humanidade em termos de adaptação corporal tecnológica ao ambiente, seremos levados a fazer perguntas importantes sobre o que interessa como humanidade. A transformação radical da natureza humana através da tecnologia e da biotecnologia, como mencionado por Urd, sublinha pontos sobre a continuidade da espécie. Em relação à forma que a humanidade assumirá. Turner assinala que “as alterações biotecnológicas colocam, em princípio, a questão de saber se a humanidade pode se tornar uma nova ordem de seres, isto é se uma sociedade pós-humana é possível.” Então, nossa provocação consiste na reflexão do que é o ser humano e o que ele deveria ser no que diz respeito às idéias dos *Body Hacktivists*? Ao apontar que a sociedade tem sido contestada com diversas possibilidades de evolução endossadas pela tecnociência e da biomedicina, os *body hacktivists* argumentam que cada pessoa deveria ter o direito de governar seu próprio corpo.

Urd salienta que o aumento do corpo humano através dos implantes funcionais pode se articular com políticas Estatais conexas com desenvolvimento tecnológico. O uso da tecnologia na assistência médica e na segurança torna-se cada vez mais popular e aceitável por parte dos governos e inclusive dos cidadãos. Muitos conflitos em torno deste assunto apareceram especialmente nos Estados Unidos. Um deles está vinculado ao chip eletrônico subcutâneo designado pela *Applied Digital*

Society como *Verichip*. Seu uso em seres humanos para fins médicos foi liberado pela *Food and Drug Administration* em 2004. Através da simples inserção de uma seringa o chip pode ser inserido em qualquer parte do corpo num procedimento que leva menos de 20 minutos e que não deixa cicatrizes. Entretanto a possibilidade da dupla utilização do chip para rastrear os movimentos individuais gerou alarme. Urd afirma que isso não deve ser considerado *Hacktivism*:

Poderíamos considerá-lo *Body Hacktivism*? Neste caso, não se trata do desejo de ter o implante, mas uma obrigação. Isso não quer dizer que iremos agir contra a corrente, mas precisamos fazer as pessoas reagirem contra isto. Na verdade, o conceito de *Body Hacktivism* carrega a noção de ação. Esta ação diz respeito às pessoas que estão dispostas a ter a modificação, portanto, no *Body Hacktivism* há a dimensão voluntária e não há nenhuma obrigação.

Urd enfatiza a dificuldade existente para definir quem é um *body hacktivist*, especialmente no cenário de modificação corporal. Segundo a definição de Zpira, é possível ser um *body hacktivist* sem passar pela modificação física, porque “o *Body Hacktivism* é mais um estado de espírito.” Dentro deste conjunto ele insere “as pessoas que fazem suspensões, que possuem a mente ‘mais aberta’, ‘corpos livres’, e que não serão necessariamente modificadas; estas pessoas estão apenas nas práticas de suspensão corporal, e eu acho que eles fazem parte do *Body Hacktivism*.” Isto porque o *Body Hacktivism* estaria relacionado à evolução e/ou metamorfose pessoal. E esta poderia ocorrer de diferentes modos. De acordo com a Urd é possível que uma mudança interna aconteça quando alguém corta a língua (*tongue splitting*), e para outros ela pode vir através do implante do microchip. Outros irão modificar a aparência a fim de se assemelharem mais a répteis e ainda outros irão implantar ímãs nos dedos¹⁰. Aqui Urd sugere uma possibilidade diferente para o *Body Hacktivism*. Para Urd tendo em consideração que a própria modificação toca as razões mais íntimas ao tocar as fronteiras corporais, é possível definir um sujeito como um *body hacktivist* ainda que este se transforme sem a perspectiva futurista; para ele há outros atributos que devem ser pesados para a metamorfose individual.

Inicialmente o *Body Hacktivism* não apresenta limites. Urd e Zpira destacam que “o objetivo é manter o nosso caminho em um mundo onde a imaginação é o limite.” A única fronteira está relacionada ao desenvolvimento tecnológico que permite a criação de dispositivos específicos mais avançados. Poderíamos citar mais uma vez o implante do tipo RFID; a substituição de partes da pele por meio de placas de titânio que pode ser usado como receptáculo para múltiplos componentes; os implantes magnéticos subcutâneos e a exploração da sexualidade pela criação de uma realidade virtual e física que convergem no metaverso. O que é efetivamente relevante é que se para alguns o *Body Hacktivism* está relacionado ao trabalho sobre si através das experiências, para outros esta *démarche* pode ser inscrita em um processo quase evolutivo que acompanha a rota estabelecida pelo desenvolvimento tecnológico, robótico e biônico.

A BODY HACKTIVIST LISSETTE OLIVARES

“Darei fim a todos os seres humanos, porque a terra encheu-se de violência por causa deles. Eu os destruirei com a terra. Você, porém, fará uma arca de madeira de cipreste (...). Faça entrar na Arca um casal de cada um dos seres vivos, macho e fêmea, para conservá-los vivos com você¹¹.”

A Arca de Noé é uma famosa narrativa do livro de Gênesis na qual o patriarca Noé salva a si mesmo, sua família e um remanescente de todos os animais do mundo quando Deus decide destruir a terra por causa da perversidade humana. A narrativa do dilúvio está intimamente ligada com a história da criação da humanidade na qual a arca desempenha um papel fundamental. Uma antiga história poderia encontrar uma releitura contemporânea?

A norte-americana Lissette Olivares teria muito a dizer sobre isso, mas principalmente que os *body hacktivists* podem fornecer as técnicas para levar a cabo tal iniciativa. Nós a conhecemos em Nova York, seguindo a indicação de Lukas Zpira. No momento ela trabalhava como professora assistente na *Gallatin School of Individualized Study*. Ela se define como *body hacktivist* e *performer*. Poucos dias depois de nosso primeiro encontro fomos apresentados a seu companheiro também *body hacktivist* e *performer*, o chileno Cheto Castellano.

A Arca de Noé contemporânea é um projeto desenhado por Olivares e se chama *Ten Thousand*

Generations Later: A Subdermal Co-Evolutionary Archive. Sua inspiração veio de uma história sobre coevolução entre espécies no qual Butler encontra nos alienígenas Ooankali um arquivo coevolutivo de raças. O objetivo de Olivares através deste projeto é construir um arquivo subdermal composto de criaturas com as quais ela gostaria de coevoluir. Esse processo começaria com a doação voluntária do DNA de certas pessoas e animais, que a *posteriori* seriam armazenados em moldes de silicone para serem implantados em seu corpo. Ela explica que a concepção desse projeto surgiu após uma experiência pessoal traumática de perda e frustração de seu cachorro. Esta foi ressentida como uma amputação corporal. Disposta a manter vivo seu cão, Olivares e Castellano decidiram fazer uma tatuagem usando uma tinta preparada com suas cinzas. Essa incorporação permitiria que eles pudessem sentir sua presença. Ela definiu o momento de tatuagem como um ritual comemorativo. Os rituais comemorativos servem a várias funções. Eles permitem que o indivíduo marque a ausência e crie a “presença” na medida em que ele acessa e remodela a memória pessoal. Esta experiência de “exploração corporal”, como ela caracteriza, incentivou a investigar sobre as novas potencialidades para o corpo no futuro. Diante de suas descobertas, começou a se colocar questões ligadas inclusive a sua imaginação: “E se eu pretender que em dez mil anos a partir de agora haverá tecnologia para fazer algo diferente com o corpo que eu quero. Então o que eu vou fazer agora é começar esse processo de arquivamento (...) para no caso dessa potencialidade efetivamente incidir”.

Assim como a Arca de Noé que fornece um exemplo de “civilização tecnológica” projetado para salvar um conjunto de indivíduos da mesma família e os casais de animais de todas as espécies, este projeto conjectura os mesmos termos para todos os seres humanos. É uma extensão da humanidade anterior, humanidade *in extremis*. Olivares não pretende transformar a humanidade tal como é, mas fabricar através da coevolução um ser humano original, que nunca existiu na Terra. Embora ela tenha encontrado *body hackers* para colaborar na execução dessa proposta, ela insiste no fato de se tratar mais de uma questão conceitual do que o implante em si e as chances de seu efetivo funcionamento em longo prazo. De qualquer

forma, este empreendimento tem o significado que ela delineia para o futuro da humanidade, sentindo-se inspirada a encontrar uma maneira de realizá-lo. A evolução que ela prevê não é por excelência biológica e inconsciente, ao contrário, ela é cultural, esquematizada e motivada. A passagem de um tipo de humanidade para outra surge em grande medida do imaginário da ficção científica que poderíamos definir como a mitologia contemporânea e que começa a se tornar um repertório de referência essencial¹². Além disso, Olivares entende que as preocupações do *Body Hacktivism* estão mais ligadas ao futuro do que ao presente. Ela ressalta que o *Body Hacktivism* ambiciona pensar nas tecnologias do futuro e como elas podem ser apropriadas pelas pessoas e governos. Ela define o *Body Hacktivism* como o desenvolvimento *underground* da tecnologia, isto é, suas experiências não são realizadas de acordo com principais instituições médicas e a ciência. Seria um método de modificar o próprio corpo sem o auxílio de especialistas.

O *Body Hacktivism* é uma caminhada individual que pode ser definida como *do it yourself*, na qual estão engajadas pessoas interessadas na tecnologia, biotecnologia e nas modificações corporais. Essas práticas baseiam-se na experiência e na possibilidade de explorar as fronteiras do corpo. Olivares argumenta que ativismo e agência são duas características desse movimento. Em um sentido *hacktivism* é político em várias dimensões, “por causa da desconstrução do que o corpo, do corpo ideal e das ideias de possibilidades de trabalho neste corpo.” É também a possibilidade de atuar no mundo através das mudanças feitas na carne, antes que sejam impostas pelo Estado. Sobre a perspectiva de Zpira, ela complementa: “Lukas tenta entender como poderíamos ter agência sobre o nosso corpo antes que poderes políticos e econômicos tenham mais agência sobre ele.”

Quanto as suas próprias modificações corporais ela afirma ter sido introduzida a um mundo de possibilidades corporais através de seu parceiro, e foi quando ela decidiu ter seu primeiro implante. A história que ela apresenta nos fornece uma ideia sobre os eventos que aconteceram com alguém que teve modificações corporais extremas. O que ela disse na entrevista não revela apenas o seu ponto de vista, mas também informa sobre os eventos que vivenciou.

Eu estava no programa do *Whitney Museum of American Art* e estava muito feliz com meus novos implantes enquanto várias pessoas ficaram revoltadas. Eles não podiam sequer olhar para a minha mão e uma menina, que era da Bélgica e também minha amiga, não conseguia nem olhar para eles, muito menos tocá-los, porque era repugnante para ela (...). Para essas pessoas eu estava sendo completamente violenta com a noção de corpo que elas possuíam. Mas, por exemplo, quando eu conheci Donna Haraway (...) eu disse para ela sobre meus implantes. E ela ficou fascinada, era uma relação muito diferente (...). Algumas pessoas acham que é legal, os outros vão dizer que isso assusta. Algumas pessoas irão gostar, outras como meus pais vão perguntar “por quê?”, “Por que você quer fazer isso? Não faz nenhum sentido”.

Através de sua narrativa ela apresenta mais o que grades de significados; ela nos conta como é viver em um corpo modificado na prática e quais são os desafios, dificuldades, preconceitos, e adaptações necessárias. Já um híbrido humano, ela está agora equipada com objetos artificiais e suplementares que cultivam sua heterogeneidade na medida em novos formatos corporais são produzidos; uma maneira não usual de estar-no-mundo e estabelecer um relacionamento com o eu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os *body hacktivists* adotam uma postura baseada no “faça você mesmo”, “tudo é possível” e “por que não?”. Eles se definem como ativistas que vão ao encontro das normas contemporâneas da construção da aparência e do corpo na sociedade ocidental. Não obstante, eles encorajam o desenvolvimento de novas possibilidades corporais colocando à prova a normatividade do corpo por meio de múltiplas intervenções cuja inspiração vem, de um lado, do forte imaginário coletivo construído em torno de obras de ficção científica, de outro, das pesquisas científicas extremamente avançadas em matéria de tecnologia. Sobre o segundo aspecto, a ciência de certa forma parece ter legitimado o aumento do corpo humano. Nós temos presenciado o avanço nas pesquisas da informática, biônica medical, que conduziram a explorar vias novas e promissoras para resolver problemas funcionais graves, corrigir deficiências, melhorar a vida

cotidiana de pessoas profundamente feridas em sua integridade física, e inclusive tecnologias utilizadas em conexão estreita com o corpo permitindo simplesmente viver melhor.

Paralelamente, a utilização das tecnologias e suas aplicações fora dos limites da disciplina médica e acadêmica é apresentada como uma forma subversiva de auto-emancipação por certos praticantes. Trata-se de identificar as possibilidades de escapar aos determinismos sociais sem sucumbir às normas sociais. Outra particularidade dessas novas modificações está em sua não institucionalização, e sua realização por novos “especialistas do corpo”, ou *bricoleurs* da carne. Ainda que estes artesões do corpo tenham, por vezes, razões bem distintas para se engajarem em suas *démarches* de modificação, eles possuem, contudo, a mesma ambição: trabalhar o caráter funcional da tecnologia através das experiências corporais.

Estaremos nós um dia equipados de leitores de áudio que não carregaremos mais no bolso, e sim no interior de nossos corpos? E se ao acrescentarmos ao corpo humano componentes artificiais suplementares, serão eles puramente internos ou eles irão se enxertar à nossos membros? Alguns já evocam uma “estética *ciborgue*”¹³, segundo a qual a aparição de elementos externos ao humano, mais que lhe são indissociáveis, se tornaram “naturais”.

Não há dúvidas de que na contemporaneidade o corpo e a técnica estabelecem um profundo desafio para as Ciências Sociais. Temos que nos posicionar diante de uma conectividade global sem precedentes que tem criado novos motivos para a associação desses elementos. O *Body Hacktivism* se situa na intersecção dessas dimensões e aponta para uma tendência que consiste na maior interação – mesmo fusão– dos indivíduos à técnica. O *Body Hacktivism* indica algumas práticas criativas que estão localizadas nessa intersecção aliado ao ativismo, demonstrando a capacidade individual de reapropriação corporal.

Entre as muitas abordagens teóricas, este artigo poderia refletir em termos do uso tático da biopolítica. Esta terminologia tem por inspiração o conjunto de práticas culturais resistentes e o desenvolvimento intelectual em torno da história da biopolítica. Este enfoque abrange

inúmeros cruzamentos que são geralmente analisados em uma única rúbrica acadêmica¹⁴, no entanto, não usaremos a lente do discurso biopolítico. Nossa investigação sobre o *Body Hactivism* é uma introdução, um “espaço experimental” de discussão no qual tentamos envolver diferentes discursos, significados, histórias e práticas vividas com entusiasmo pelos *body hactivists*. Nossa ênfase está no estudo dessas novas formas contemporâneas de modificação. Portanto, nesse conciso artigo, nossa abordagem baseia-se essencialmente no processo de “política ontológica¹⁵”. Isto significa que produzimos considerações sobre como variadas práticas são realizadas pelos *body hactivists*, reconceitualizando o corpo em termos de conjuntos, relações e práticas, capaz de distribuir agência e conhecimento através de materiais heterogêneos.

Gostaríamos de avançar na descrição do *Body Hactivism* e explicar como esses atores se envolvem na “construção de mundo”, e como articulam suas práticas em relação ao discurso, e as fronteiras entre a técnica e o corpo, tema evidente nessa pesquisa. Brevemente, podemos afirmar que este fenômeno e movimento possui alguns paradoxos além de formas complexas de relação. De acordo com a ideia de extensão relacional¹⁶, o corpo pode ser teorizado em termos de relações e práticas, tal como essas são extraídas em cada momento nos discursos manipulados pelos atores. Esses discursos não convergem em uma definição simples do que é o corpo. Esses “corpos” possuem “conhecimentos” que são estritamente limitados e dependentes do mundo individual que está constantemente em construção; podemos dizer que existem “mais mundos” assim como existe mais do que “um corpo”. O corpo, além de ser a única possibilidade de estar-no-mundo, nos dizeres de Merleau-Ponty, é também um meio para mudança de mundos¹⁷.

Como as experiências apresentadas constituem o “corpo”? Tentamos apresentar alguns atores cuja postura vis-à-vis dos componentes tecnológicos externos e internos – ou de interação – parece particularmente significativa para o desempenho do corpo. Ao nos aproximarmos do conceito de “produção corporal” de Donna Haraway¹⁸ compreendemos que os organismos são incorporações biológicas

que emergem do processo discursivo. Isso significa que estes organismos, o corpo e a natureza, são ao mesmo tempo ficção e realidade, “Se os organismos são objetos naturais, é fundamental lembrar que os organismos não nascem. Eles são feitos nas práticas tecnocientíficas por atores coletivos específicos, no tempo e no espaço determinado¹⁹”. Ela também aponta que o corpo individual é inseparável do corpo técnico através da sua alegoria com o *ciborgue*, isto é, não existe uma fronteira corporal bem definida. Os elementos de nossa cultura material integram a construção do sujeito de forma dinâmica através da incorporação e desincorporação. Isto dito, a formação do sujeito faz parte de um constante processo no qual ele não é separável de sua relação aos objetos. Para concluir, ao reconhecermos a variedade de possibilidades para a experiência corporal, é necessário pensarmos nas associações entre o corpo e vários mundos corporais possíveis, e o *Body Hactivism* é sem dúvidas o objeto ideal para essa reflexão.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CUIR, R. *La sculpture post-humaine de soi. Corps*, n. 1, p. 61-66, 2006. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-corps-2006-1-page-61.htm>

DA COSTA, B. & PHILIP, K. *Tactical Biopolitics: art, activism and technoscience*. Cambridge: The Mit Press, 2008.

DENNING, E. *Activism, Hactivism, and Cyberterrorism: The Internet as a Tool for Influencing Foreign Policy*. In: _____. Paper read at The Internet and International Systems: Information Technology and American Foreign Policy Decision making, San Francisco, December 10, 1999.

DESCOLA, P. *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard., 2006.

_____. *Diversité des natures, diversité des cultures*. Montrouge: Bayard Éditions, 2010.

_____. *L'écologie des autres: l'anthropologie et la question de la nature*. Versailles: Éditions Quae, 2011.

FERONE, G. *Bienvenue en Transhumanie – sur l'homme de demain*. Paris: Bernard Grasset, 2011.

- FIEVET, C. *Body Hacking: pirater son corps et redéfinir l'humain* France: FYP Éditions, 2012.
- GEERTZ, C. *Writing culture: the poetics and politics of ethnography*. California: University of California Press, 1986.
- HARAWAY, D. The promise of monsters: a regenerative politics for innapropriate/d others. In: GROSSBERG, L.; NELSON, C.; TREICHLER, P.A. (Eds.). *Cultural Studies*. Nova Iorque, Routledge, p. 295-337, 1992.
- LATOURE, B. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- _____. How to talk about the body? The normative dimension of science studies. *Body and Society*, v. ou n. 10, p. 205-229, 2004.
- _____. *Reassembling the social: an introduction to Actor-Network-Theory*. New York, NY: Oxford University Press, 2005.
- LATIMER, J. Introduction: Body, Knowledge, worlds. *Sociological Review*, p. 1-22. Oxford: Blackwell publishing, 2009.
- LE BRETON, D. *Anthropologie du corps et modernité*. Paris: PUF, 2001.
- _____. *La sociologia del cuerpo*. Buenos Aires, Argentina: Nueva Vision, 2002.
- _____. *Sinais de identidade: tatuagens, piercing e outras marcas corporais*. Lisboa: Miosótis, 2004.
- _____. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- MOL, A. *The body multiple: ontology in medical practice*. Durham and London: Duke University Press, 2002.
- NATIONAL INFRASTRUCTURE PROTECTION CENTER. *Cyber Protests: The Threat to the U.S. Information Infrastructure*, 2001. Disponível em: <<http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/nipc/cyberprotests.pdf>>.
- RENDER, M. The law of the body. *Emory Law Journal*, n. 62, março, p. 549-605, 2013. Disponível em: <<http://ssrn.com/abstract=2019152>>.
- TURNER, B. Culture, Technologies and bodies: the technological utopia of living forever. *Sociological Review*. Oxford: Blackwell publishing, p. 21-36, 2007.
- VALE, V.; JUNO, A. *Re/Search#12: Modern Primitives. An investigation of contemporary adornment and ritual*. San Francisco: Re/Search Publications, 1989.
- ZPIRA, L. (2010). *Hacking the future*. Abril 11, 2012. Disponível em: <<http://www.hackingthefuture.org>>. Acesso em: 10 de Abril de 2012.

Notas

1 Cyril Fiévet, *Body Hacking: pirater son corps et redéfinir l'humain*, France: FYP Éditions, 2012.

2 Bio-hacking é uma corrente composta de amadores interessados nas possibilidades de funcionamento celular e aprendizado do DNA, e outros experimentos relacionados à biologia e biotecnologia.

3 Radio-Frequency Identification

4 Sua abordagem teórica pode ser encontrada especialmente nos seguintes trabalhos: Par-delà nature et culture, *L'écologie des autres: l'anthropologie et la question de la nature e Diversité des natures, diversité des cultures*.

5 Bruno Latour, "How to talk about the body? The normative dimension of science studies," In *Body and Society*, no 10 (2004): 205- 229.

6 Palavra sem tradução literal, que se refere a um espaço de criação artística e que pretence ao grupo de teatro e performance *Materia Prima Art Factory*.

7 Todos os discursos analisados e apresentados nesse artigo são frutos de entrevistas realizadas no trabalho de campo. Os entrevistados autorizaram a publicação de todas as entrevistas. Quando não usarmos dados das entrevistas, chamaremos a atenção do leitor ao longo do texto.

8 Brian Turner, "Culture, Technologies and bodies: the technological utopia of living forever," in *Sociological Review*, (Oxford: Blackwell publishing, 2007): 21-36.

9 Meredith Render, "The law of the body," in *Emory Law Journal*, no 62 (March, 2013): 549-605. <http://ssrn.com/abstract=2019152>

10 O implante de magnéticos é uma prática que assume grande dimensão entre os indivíduos que buscam aumentar

os sentidos corporais. Estes magnéticos foram criados em 2004 por Steve Haworth and Jesse Jarrel, personagens que também colaboraram em nossa pesquisa. Os magnéticos se tornaram muito populares na mídia. Ele consiste em um pequeno disco de metal em neodímio (metal raro, geralmente utilizado na indústria) que é inserido através de um breve procedimento cirúrgico numa loja de tatuagem ou mesmo em casa (é possível comprar kits para realizar esse procedimento. Todavia, a maior parte destes são rejeitados pelo corpo, provavelmente por causa do manuseio incorreto). Seu principal resultado consiste na reação a campos e ondas eletromagnéticas. Outra utilização desses magnéticos pode ser segurar um Ipod ou um relógio sem corrente.

11 Genesis 6, New International Version.

12 Raphaël Cuir, “La sculpture post-humaine de soi” [The self posthuman sculpture] in *Corps*, no 1 (2006): 61-6. <http://www.cairn.info/revue-corps-2006-1-page-61.htm>

13 Como título de ilustração poderíamos citar o engenheiro e biofísico Hugh Herr.

14 Beatriz da Costa and Kavita Philip, *Tactical Biopolitics: art, activism and technoscience* (Cambridge: The Mit Press, 2008).

15 Annemarie Mol. *The body multiple: ontology in medical practice*. Durham and London: Duke University Press, 2002.

16 Joanna Latimer. Introduction: Body, Knowledge, worlds. *Sociological Review*, 1-22. Oxford: Blackwell publishing, 2009.

17 Ibid.

18 Donna Haraway, “The promise of monsters: a regenerative politics for innappropriate/d others,” in *Cultural Studies*, ed. Lawrence Grossberg, L., Cary Nelson and Paula A. Treichler (New York: Routledge, 2009), 295.

19 Ibid 207.